

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia Laodiceana - Número Quarenta e Um

Jeff Pippenger

2026-02-05

Número Quarenta e Um

Levítico vinte e três apresenta as festas da primavera e do outono, e a representação dessas festas é divinamente profunda na sua estrutura, bem como no perfeito alinhamento entre a estrutura inicial e a final, dentro da estrutura geral. As festas da primavera e as do outono correspondem entre si. O capítulo dá testemunho de Palmoni, o admirável Numerador, reiteradamente. O capítulo liga-se de modo sólido e maravilhoso à mensagem dos últimos dias dos cento e quarenta e quatro mil.

O número "23" representa a expiação, que é a união da Divindade e da humanidade. O nome Levítico representa o sacerdócio dos cento e quarenta e quatro mil, pois todos os profetas falam dos últimos dias, e os sacerdotes dos últimos dias são aqueles que Pedro identifica como um sacerdócio santo. O sacerdócio santo identificado por Pedro é formado pelos sábios que compreendem o aumento do conhecimento que produz a mensagem do Clamor da Meia-Noite. Os insensatos, ou ímpios, como Daniel os identifica, rejeitam o aumento do conhecimento, e Oséias nos informa que, por essa razão, são rejeitados como sacerdotes.

O meu povo perece por falta de conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote para mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos. Quanto mais eles se multiplicaram, tanto mais pecaram contra mim; portanto transformarei a sua glória em vergonha. Oséias 4:6, 7.

Os bêbados de Efraim, a quem Isaías também chama de “coroa de glória”, têm a sua glória transformada em “vergonha”. Oséias identifica especificamente que aqueles que rejeitam o aumento do conhecimento dos últimos dias são a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana, pois ele registrou: “Meu povo”. Seu povo será rejeitado como sacerdotes, e isso ocorre na quarta e última geração, pois Ele há de esquecer-se de seus filhos, e os filhos representam a última geração.

Tornar-se um

O título de "Levítico 23" significa "a expiação do sacerdócio dos cento e quarenta e quatro mil". Essa verdade pode ser deduzida apenas pelo nome do livro em conexão com o número do capítulo. A expiação, de que trata Levítico vinte e três, significa "at-one-ment" e identifica a combinação da Divindade e da humanidade. Essa combinação é representada por uma multiplicidade de símbolos na Palavra de Deus, um dos quais é que o templo humano deve ser combinado com o templo Divino.

O templo humano possui uma estrutura de “23” cromossomos masculinos e “23” femininos. Pedro afirma que o sacerdócio dos cento e quarenta e quatro mil é uma “casa espiritual”. Esses cromossomos se unem assim como um homem e uma mulher, e o que Deus uniu, não o separe o

homem. O matrimônio é outro símbolo do tornar-se um só. Levítico “23” significa a combinação do templo do Sumo Sacerdote celestial com o templo dos sacerdotes que são os cento e quarenta e quatro mil.

Vinte e dois Versos

As festas da primavera em Levítico vinte e três estão representadas nos primeiros vinte e dois versículos do capítulo, e as festas do outono estão representadas nos últimos vinte e dois versículos do capítulo. O último versículo é o versículo quarenta e quatro, um símbolo de 1844, quando o Dia antitípico da Expição começou no décimo dia do sétimo mês, em cumprimento de Levítico vinte e três. O capítulo vinte e três divide-se em dois períodos de vinte e dois versículos; ambos estão logicamente conectados por tratarem de festas, mas também logicamente separados pelo ministério de Cristo no átrio e no Lugar Santo, representado pela primavera, e pelo Seu ministério no Lugar Santíssimo, representado pelo outono.

22

Tanto as festas da primavera quanto as do outono são representadas por vinte e dois versículos, e os versículos alinham-se com o testemunho do alfabeto hebraico, que consiste de "22" letras. "22" é o dízimo de "220", que é um símbolo da combinação da Divindade e da humanidade. "220" representa o início tanto dos 2.520 anos da dispersão de Judá quanto dos 2.300 anos até o Dia da Expição. O ponto de partida dos 2.520 foi 677 a.C., e o ponto de partida dos 2.300 foi 457 a.C., identificando, assim, duzentos e vinte anos como o elo entre a profecia do pisoteamento do exército de Deus e a profecia do pisoteamento do santuário de Deus. Ambas as profecias terminaram com a chegada do Dia da Expição antitípico em 22 de outubro de 1844.

Naquela data, teve início a obra de Cristo de unir o templo humano ao templo Divino e, naquele tempo, cumpriram-se tanto Habacuque 2:20 quanto João 2:20. Habacuque identificou que o Divino se achava então no Lugar Santíssimo, e João registrou que o templo milerita, que deveria entrar pela fé naquele Lugar Santíssimo, havia completado o período de quarenta e seis anos, que assinalou a edificação do templo humano milerita de 1798 até 1844. A história de "46" anos, composta de "23" e "23", é representada pela obra de William Miller, que começou a apresentar, pela primeira vez, a mensagem dessa história em 1831, "220" anos após a publicação da Bíblia King James. A Palavra Divina, publicada em 1611, foi unida a um mensageiro humano "220" anos depois, em 1831. Tanto as festas da primavera quanto as do outono são representadas por "22" versículos.

Vinte e dois versículos em duas linhas do mesmo assunto exigem que, profeticamente, os primeiros vinte e dois versículos sejam sobrepostos aos vinte e dois seguintes. Ao alinhar as duas linhas dessa maneira, procede-se à união entre a obra do Átrio e do Lugar Santo, representada nas festas da primavera, e a obra de Cristo no Santo dos Santos. Nesse nível profético, isso representa a união de dois templos, o que ilustra a obra de expiação de Cristo.

Quando os versículos um a vinte e dois são alinhados com os versículos vinte e três a quarenta e quatro, estabelece-se uma linha profética, da qual dão testemunho as vinte e duas letras do alfabeto

hebraico, bem como o simbolismo representado pelo número “22”, e também o simbolismo representado pelas festas, em consonância com o cumprimento dessas festas na história sagrada.

O início das festas da primavera primeiramente identifica o Sábado do sétimo dia, e o término das festas do outono identifica o descanso sabático do sétimo ano. Cristo, como Alfa e Ômega, colocou o Sábado no princípio e no fim das duas testemunhas de “22” na linha do sacerdócio dos cento e quarenta e quatro mil.

O sábado do sétimo dia foi a luz especial no início do Dia da Expição antitípico, em 1844, e a luz do sábado do sétimo ano é a luz no final. O sábado do sétimo dia foi também a primeira santa convocação de Levítico "23", assim como o sábado do sétimo ano é a última santa convocação no capítulo. O sábado é o alfa e o ômega da linha sacerdotal no capítulo "23". O primeiro, o sábado do sétimo dia, é o alfa do sacerdócio dos cento e quarenta e quatro mil, e o último, o sábado do sétimo ano, é o ômega do sacerdócio dos cento e quarenta e quatro mil.

"Os que comungam com Deus andam na luz do Sol da Justiça. Eles não desonram o seu Redentor corrompendo o seu caminho diante de Deus. A luz celestial brilha sobre eles. À medida que se aproximam do fim da história desta terra, seu conhecimento de Cristo e das profecias referentes a ele aumenta grandemente. Eles têm valor infinito aos olhos de Deus; pois estão em unidade com Seu Filho. Para eles, a palavra de Deus é de incomparável beleza e formosura. Eles veem sua importância. A verdade lhes é desvendada. A doutrina da encarnação é revestida de um suave resplendor. Eles veem que a Escritura é a chave que abre todos os mistérios e resolve todas as dificuldades. Os que têm se mostrado relutantes em receber a luz e andar na luz serão incapazes de compreender o mistério da piedade, mas os que não hesitaram em tomar a cruz e seguir a Jesus verão luz na luz de Deus." The Southern Watchman, 4 de abril de 1905.

Aqui, "perto do encerramento da história desta Terra", no final do Dia da Expição antitípico, a "doutrina da encarnação" é revestida de um resplendor "suave", como o foi a doutrina do Sábado do sétimo dia no início do Dia da Expição antitípico.

"Jesus levantou a tampa da arca, e contemplei as tábuas de pedra nas quais estavam escritos os Dez Mandamentos. Maravilhei-me ao ver o quarto mandamento bem no centro dos dez preceitos, com um suave halo de luz a circundá-lo. Disse o anjo: 'É o único dos dez que define o Deus vivo que criou os céus e a terra e todas as coisas que neles há. Quando foram lançados os fundamentos da terra, então foi também lançado o fundamento do sábado.'" Testemunhos, volume 1, 75.

O sábado do sétimo dia, que é um "fundamento", abre Levítico "23", e o sábado do sétimo ano encerra o testemunho dos sacerdotes, tal como representado pelas festas da primavera e do outono. O sábado do sétimo ano representa o templo que é edificado sobre o fundamento. O sábado do sétimo ano, ao final, é representado pelo 2.520, assim como o sábado do sétimo dia é representado pelo 2.300. O sábado do sétimo ano representa a "doutrina da encarnação". O sábado do sétimo dia é o sinal do Criador, e o sábado do sétimo ano é o sinal da Divindade unida à humanidade.

Alinhando as Linhas

Quando alinhamos as festas da primavera com as do outono em Levítico 23, a festa da Páscoa é seguida, no dia seguinte, pela festa dos Pães Ázimos, de sete dias, e a festa das Primícias ocorre no dia seguinte ao início da festa de sete dias dos Pães Ázimos. Três marcos em três dias.

O período de sete dias que constitui a Festa dos Pães Ázimos começa com uma santa convocação e termina com outra. No dia seguinte ao início da Festa dos Pães Ázimos, ocorre a Festa das Primícias, que inclui a oferta das primícias de cevada na primavera. Pentecostes, também chamado Festa das Semanas, ocorre cinquenta dias após a Festa das Primícias, que marca o início de um período de sete semanas que termina no quadragésimo nono dia, após o qual vem o Pentecostes, que significa cinquenta.

A Páscoa inicia-se ao entardecer no décimo quarto dia. A Páscoa não é uma santa convocação.

Então, no décimo quinto dia, tem início a festa dos pães ázimos, de sete dias. O primeiro dia e o último dia dessa festa de sete dias são santas convocações.

No dia seguinte, o décimo sexto dia, chega o dia das Primícias. Então têm início as sete semanas que são marcadas pela festa de Pentecostes, e Pentecostes é uma das sete santas convocações representadas nas festas da primavera e do outono. As Primícias não constituem uma santa convocação.

Então, no primeiro dia do sétimo mês, a festa das trombetas é uma santa convocação.

O Dia da Expição, no décimo dia do sétimo mês, é uma santa convocação, mas não é uma festa.

O primeiro dia da Festa dos Tabernáculos é uma santa convocação. Após a festa de sete dias, há o oitavo dia dos Tabernáculos, embora o oitavo dia seja considerado fora dos períodos representados pelas festas. Esse oitavo dia é uma santa convocação.

Isso equivale a sete santas convocações, quando se inclui o Sábado do sétimo dia que introduz as festas. São sete santas convocações e sete festas, embora estas se alinhem de modo diferente das santas convocações. O primeiro e o último marco são Sábados: primeiro para o dia, depois para o ano. Dentro das festas identificadas entre os Sábados alfa e ômega, há sete festas e cinco santas convocações. Se se incluem o Sábado alfa do sétimo dia e o Sábado ômega do sétimo ano, tem-se sete santas convocações e sete festas. Entende-se que o oitavo dia de Tabernáculos não faz parte das festas e cria o enigma de que o oitavo é dos sete. O ponto que aqui identifico é que Jesus, como Palmoni, organizou as variações numéricas no capítulo "23" de modo absolutamente assombroso.

Primavera

As festas da primavera compreendem um período festivo de sete dias dos Pães Ázimos, com uma santa convocação alfa no início e uma santa convocação ômega no final. Pentecostes é a terceira santa convocação nas festas da primavera. Pentecostes ocorre após um período de sete semanas, que termina com uma festa no quinquagésimo dia. As festas da primavera são marcadas por quatro dias festivos e três períodos. Páscoa, Pães Ázimos, Primícias e Pentecostes são os quatro dias festivos, e os três períodos são: os sete dias dos Pães Ázimos; os quarenta e nove dias que

precedem e incluem o quinquagésimo dia de Pentecostes; e os primeiros três dias, que são um período composto de três etapas.

A oferta de primícias do período da Páscoa corresponde à oferta de primícias no dia de Pentecostes: as ofertas de primícias de cevada durante o período de três dias da Páscoa, e a oferta de primícias de trigo em Pentecostes, na conclusão do período pentecostal de quarenta e nove/cinquenta dias.

Queda

As festas de outono começam com um dia festivo específico que inicia um período de dez dias que conduz ao juízo. Cinco dias após o juízo, celebra-se uma festa de sete dias, cujos primeiro e último dias são identificados como santas convocações. Do décimo quinto ao vigésimo segundo dia, celebra-se a Festa dos Tabernáculos e, então, no vigésimo terceiro dia, assinala-se o Sábado da terra.

Quando sobrepomos as festas do outono às festas da primavera, temos duas linhas, ambas representadas por vinte e dois versículos; assim, são representadas pelas vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Feito isso, o primeiro marco é a santa convocação do Sábado do sétimo dia, e o último marco é a santa convocação do Sábado do sétimo ano.

Também, no décimo quinto dia do sétimo mês, quando tiverdes colhido o fruto da terra, celebrareis festa ao Senhor por sete dias; no primeiro dia haverá um descanso sabático, e no oitavo dia haverá um descanso sabático. Levítico 23:39.

Pentecostes foi a chuva temporã, e Tabernáculos é a chuva serôdia. A efusão do Espírito Santo em Pentecostes foi representada por um dia, e a efusão representada por Tabernáculos é um período que se encerra e, então, é seguido por um Sábado, que é o oitavo dia, após sete dias. O Sábado que se segue à manifestação final da efusão do Espírito Santo representa o Sábado da terra repousando por mil anos.

No tempo de angústia, todos nós fugimos das cidades e das aldeias, mas fomos perseguidos pelos ímpios, que entravam nas casas dos santos com a espada. Levantavam a espada para nos matar, mas ela se quebrava e caía inerte, como palha. Então clamamos todos, dia e noite, por livramento, e o clamor subiu perante Deus. O sol surgiu, e a lua deteve-se. Os riachos cessaram de correr. Nuvens escuras e pesadas se ergueram e se chocavam umas contra as outras. Mas havia um lugar límpido de glória permanente, de onde vinha a voz de Deus, como muitas águas, que abalava os céus e a terra. O céu se abria e se fechava e estava em grande agitação. Os montes tremiam como um junco ao vento e lançavam, ao redor, rochas ásperas. O mar fervia como uma panela e arremessava pedras sobre a terra. E, enquanto Deus declarava o dia e a hora da vinda de Jesus e entregava a aliança eterna ao Seu povo, pronunciava uma sentença e então fazia uma pausa, enquanto as palavras ressoavam por toda a terra. O Israel de Deus permanecia de pé, com os olhos fixos para o alto, ouvindo as palavras, à medida que saíam da boca de Jeová e ressoavam por toda a terra como estrondos dos mais fortes trovões. Era terrivelmente solene. E, ao fim de cada sentença, os santos exclamavam: “Glória! Aleluia!” Seus semblantes eram iluminados com a glória de Deus; e resplandeciam dessa glória, como

resplandeceu o rosto de Moisés quando desceu do Sinai. Os ímpios não podiam fitá-los, por causa da glória. E, quando a bênção sem fim foi pronunciada sobre os que haviam honrado a Deus, guardando santo o Seu sábado, ouviu-se um poderoso brado de vitória sobre a besta e sobre a sua imagem.

"Então teve início o jubileu, quando a terra deveria descansar." Primeiros Escritos, 34.

O Jubileu é o quinquagésimo ano, após sete ciclos de sete anos, o que corresponde aos 49 dias que conduzem ao quinquagésimo dia de Pentecostes. Quando se reúne a linha das festas do outono com a das festas da primavera, há 49 dias que conduzem a Pentecostes, que assinala o início do período de sete dias da Festa dos Tabernáculos. Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos se alinham e, juntas, identificam o período da chuva serôdia, que se inicia com a iminente lei dominical e prossegue até o encerramento do tempo de prova, o retorno do Senhor e, então, o repouso da terra, conforme representado pelo sábado do sétimo ano, que é o oitavo dos sete na Festa dos Tabernáculos.

Quando reunimos ambas as linhas de vinte e dois versículos, fazemo-lo por várias razões. Ambas as linhas têm vinte e dois versículos, sendo vinte e dois o dízimo de 220, um símbolo da combinação da Divindade e da humanidade.

Ambas as linhas representam o alfabeto hebraico de vinte e duas letras.

Ambas as linhas representam as festas.

Ambas as linhas representam as duas épocas de colheita do ano.

Ambas as linhas representam a obra de Cristo no átrio, no Lugar Santo e no Lugar Santíssimo. Levítico significa os sacerdotes, e Jesus é o Sumo Sacerdote celestial. Por essas razões, estamos justificados em aplicar a metodologia linha sobre linha aos quarenta e quatro versículos de Levítico vinte e três.

Pentecostes foi a chuva temporã para o cristianismo, e Tabernáculos é a chuva serôdia para o cristianismo. Alinhamos, portanto, o "dia de Pentecostes" da primavera com os sete dias de Tabernáculos no outono. Quando a Irmã White declarou: "No tempo de angústia todos nós fugimos das cidades e vilas", ela está identificando o tempo em que o povo de Deus está vivendo no deserto por causa da perseguição. Habitar em cabanas durante a época da Festa dos Tabernáculos tipifica a história que conduz diretamente ao descanso sabático jubilar para a terra.

O Dia de Pentecostes assinala o início dos sete dias de Tabernáculos. Então, o Jubileu é representado pelo oitavo dia, isto é, pertencente aos sete dias de Tabernáculos. Cinco dias antes da Festa dos Tabernáculos ocorre o Dia da Expição. Assim, cinco dias antes de Pentecostes, que assinala o início de Tabernáculos-juízo, o juízo é assinalado. Dez dias antes do juízo do Dia da Expição ocorre a Festa das Trombetas. Quando as linhas são combinadas, cinco dias antes da lei dominical, representada por Pentecostes, o juízo é assinalado. Dez dias antes disso, assinala-se a Festa das Trombetas.

O batismo de Cristo representou Sua morte, sepultamento e ressurreição. Essas três etapas são representadas por Sua morte na Páscoa, Seu sepultamento e repouso no Sábado, e Sua ressurreição no Domingo. Os três dias de Sua morte, sepultamento e ressurreição constituem um marco que consiste em três etapas. Portanto, iniciamos a combinação das duas linhas das festas da primavera e do outono na ressurreição. A ressurreição ao terceiro dia dá início a um período de quarenta e nove dias que conduz a Pentecostes, que é a lei dominical. Esse período de quarenta e nove dias é precedido pela Festa dos Pães Ázimos, que começa um dia antes e se estende por cinco dias além do Dia das Primícias.

Desde a ressurreição das primícias até a Lei Dominical contam-se quarenta e nove dias, sendo a Lei Dominical o quinquagésimo dia. Cinco dias antes da Lei Dominical, o juízo é representado, e dez dias antes desse juízo é assinalada a advertência das trombetas. A ressurreição é o primeiro marco; então, cinco dias depois, conclui-se o período dos Pães Asmos. Trinta dias após o término dos Pães Asmos, dá-se a advertência das trombetas. Dez dias depois, é assinalado o juízo do Dia da Expição e, cinco dias depois, chega a Lei Dominical de Pentecostes.

Isto identifica sete marcos na aplicação linha sobre linha das festas da primavera e do outono: o início dos Pães Asmos, a Ressurreição, o término dos Pães Asmos, a advertência das Trombetas, o Juízo, o Pentecostes e a Chuva Serôdia. Esses sete marcos são delimitados por um sábado do sétimo dia alfa e por um sábado do sétimo ano ômega. Os sete marcos, intercalados entre os dois sábados, isolam e identificam um período de cinco dias, seguido por um período de trinta dias, um período de dez dias, um período de cinco dias e um período de sete dias.

Quando, então, alinhamos a ressurreição de Cristo, constatamos um período de quarenta dias em que Ele instruiu os discípulos "face a face" e, em seguida, ascendeu. Em seguida, por dez dias, os discípulos permaneceram no cenáculo. Esses dez dias culminaram no Dia de Pentecostes, que é a lei dominical. Isto acrescenta um período de quarenta dias e um período de dez dias à linha dos sacerdotes representada por Levítico "23".

Desde a ressurreição, são cinco dias até o término da Festa dos Pães Ázimos, depois trinta dias até a advertência ao som de trombeta, depois cinco dias até a ascensão de Cristo, depois cinco dias até o juízo, depois cinco dias até os sete dias da chuva serôdia de Pentecostes.

O início dos sete dias dos pães ázimos é seguido, no dia seguinte, pela ressurreição das primícias. A ressurreição ocorre dentro dos sete dias dos pães ázimos, e cinco dias após a ressurreição o período dos pães ázimos termina.

Trinta dias após o término dos pães ázimos, as trombetas assinalam uma advertência.

Cinco dias após a advertência das trombetas, Cristo ascendeu, tendo ensinado por quarenta dias. Sua ascensão marcou o início de dez dias no Cenáculo.

Então, cinco dias após Sua Ascensão, o juízo é assinalado.

Cinco dias depois, a lei dominical de Pentecostes abre o período de sete dias da chuva serôdia.

Os cento e quarenta e quatro mil são aqueles que seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá. Elias e Moisés foram mortos em 18 de julho de 2020. Foram mortos onde também nosso Senhor foi crucificado. A ressurreição de Cristo tipificou a ressurreição de 31 de dezembro de 2023. Antes dessa data, em julho de 2023, uma voz no deserto começou a fazer soar uma mensagem representada como pão ázimo. O fermento representa erro, hipocrisia e pecado, e a mensagem procedente do deserto era sem fermento. De 31 de dezembro de 2023 até a lei dominical, Levítico "23" delineou uma estrutura da expiação dos cento e quarenta e quatro mil. Essa estrutura harmoniza-se com o sonho de Miller, Malaquias três e as janelas do céu de Apocalipse dezenove. Harmoniza-se com a terceira e a nona hora na semana sagrada de 27 a 34 d.C.

Daremos continuidade a esses tópicos no próximo artigo.

Por meio do conhecimento, os aposentos serão cheios de todas as riquezas preciosas e agradáveis.

Para a mente e a alma, assim como para o corpo, é lei de Deus que a força se adquire pelo esforço. É o exercício que desenvolve. Em harmonia com essa lei, Deus proveu em Sua palavra os meios para o desenvolvimento mental e espiritual.

A Bíblia contém todos os princípios que os homens precisam compreender para serem habilitados tanto para esta vida quanto para a vindoura. E esses princípios podem ser compreendidos por todos. Ninguém que tenha um espírito disposto a apreciar seu ensino pode ler uma única passagem da Bíblia sem dela obter algum pensamento proveitoso. Mas o ensino mais valioso da Bíblia não se alcança por meio de estudo ocasional ou desconexo. Seu grande sistema de verdade não é apresentado de modo que possa ser percebido pelo leitor apressado ou descuidado. Muitos de seus tesouros jazem bem abaixo da superfície e só podem ser obtidos por meio de pesquisa diligente e esforço contínuo. As verdades que compõem o grande todo precisam ser buscadas e reunidas, "um pouco aqui, um pouco ali". Isaías 28:10.

Quando assim examinados e reunidos, ver-se-á que se ajustam perfeitamente entre si. Cada Evangelho é um suplemento dos outros, cada profecia uma explicação de outra, cada verdade um desdobramento de alguma outra verdade. Os tipos da economia judaica são esclarecidos pelo evangelho. Todo princípio na Palavra de Deus tem o seu lugar, todo fato, sua implicação. E a estrutura completa, no projeto e na execução, dá testemunho de seu Autor. Uma estrutura assim, nenhuma mente senão a do Infinito poderia conceber ou moldar.

Ao investigar as diversas partes e estudar as suas relações, as mais elevadas faculdades da mente humana são postas em intensa atividade. Ninguém pode dedicar-se a tal estudo sem desenvolver a capacidade mental.

E o valor mental do estudo da Bíblia não consiste apenas em buscar a verdade e reuni-la. Consiste também no esforço necessário para compreender os temas apresentados. A mente ocupada apenas com assuntos corriqueiros torna-se atrofiada e enfraquecida. Se jamais for desafiada a compreender verdades grandiosas e de grande alcance, com o tempo perde a capacidade de crescer. Como salvaguarda contra essa degeneração e estímulo ao desenvolvimento, nada se iguala ao estudo da palavra de Deus. Como meio de formação

intelectual, a Bíblia é mais eficaz do que qualquer outro livro, ou do que todos os outros livros juntos. A grandeza de seus temas, a simplicidade digna de suas declarações, a beleza de suas imagens, vivificam e elevam os pensamentos como nada mais pode. Nenhum outro estudo pode conferir tal poder mental como o esforço de apreender as verdades estupendas da revelação. A mente assim colocada em contato com os pensamentos do Infinito não pode deixar de se expandir e se fortalecer.

E ainda maior é o poder da Bíblia no desenvolvimento da natureza espiritual. O homem, criado para a comunhão com Deus, somente nessa comunhão pode encontrar sua verdadeira vida e desenvolvimento. Criado para encontrar em Deus a sua mais elevada alegria, não pode encontrar em nada mais aquilo que possa aquietar os anseios do coração, que possa saciar a fome e a sede da alma. Aquele que, com espírito sincero e ensinável, estuda a palavra de Deus, buscando compreender suas verdades, será posto em contato com o seu Autor; e, salvo por sua própria escolha, não há limite para as possibilidades de seu desenvolvimento.

Em sua ampla variedade de estilos e temas, a Bíblia tem algo que interessa a cada mente e apela a cada coração. Em suas páginas encontram-se a história mais antiga; a biografia mais fiel à vida; princípios de governo para a condução do Estado, para a administração do lar — princípios que a sabedoria humana jamais igualou. Contém a filosofia mais profunda, a poesia mais doce e a mais sublime, a mais apaixonada e a mais comovente. Os escritos bíblicos são de valor incomensuravelmente superior às produções de qualquer autor humano, mesmo quando assim considerados; mas de âmbito infinitamente mais amplo, de valor infinitamente maior, são eles quando vistos em sua relação com a grande ideia central. À luz desse pensamento, cada tema adquire um novo significado. Nas verdades expressas da maneira mais simples estão implicados princípios tão elevados quanto o céu e que abarcam a eternidade.

O tema central da Bíblia, o tema em torno do qual todos os demais em todo o livro se agrupam, é o plano da redenção, a restauração, na alma humana, da imagem de Deus. Desde o primeiro indício de esperança na sentença pronunciada no Éden até àquela última e gloriosa promessa do Apocalipse, 'Eles verão o seu rosto; e o seu nome estará nas suas fronteiras' (Apocalipse 22:4), a mensagem de cada livro e de cada passagem da Bíblia é o desdobramento desse admirável tema — a elevação do homem —, o poder de Deus, 'que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.' 1 Coríntios 15:57.

Aquele que compreende este pensamento tem diante de si um campo infinito de estudo. Ele possui a chave que lhe abrirá todo o tesouro da Palavra de Deus.

A ciência da redenção é a ciência de todas as ciências; a ciência que constitui o estudo dos anjos e de todas as inteligências dos mundos não caídos; a ciência que ocupa a atenção de nosso Senhor e Salvador; a ciência que entra no desígnio acalentado na mente do Infinito — 'guardado em silêncio por tempos eternos' (Romanos 16:25, R.V.); a ciência que será o estudo dos remidos de Deus ao longo das eras sem fim. Este é o estudo mais elevado em que é possível ao homem ocupar-se. Como nenhum outro estudo pode, ele vivificará a mente e elevará a alma.

"A excelência do conhecimento está em que a sabedoria dá vida aos que a possuem.' 'As palavras que eu vos digo', disse Jesus, 'são espírito e são vida.' 'Esta é a vida eterna: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e Aquele a quem Tu enviaste.' Eclesiastes 7:12; João 6:63; 17:3, R.V."

A energia criadora que chamou os mundos à existência está na palavra de Deus. Esta palavra confere poder; gera vida. Cada ordem é uma promessa; aceita pela vontade, recebida na alma, traz consigo a vida do Infinito. Ela transforma a natureza e recria a alma à imagem de Deus.

A vida assim comunicada é do mesmo modo sustentada. 'De toda palavra que procede da boca de Deus' (Mateus 4:4) viverá o homem.

A mente, a alma, é edificada por aquilo de que se alimenta; e cabe a nós determinar de que será alimentada. Está no poder de cada um escolher os temas que hão de ocupar os pensamentos e moldar o caráter. De todo ser humano que goza do privilégio de acesso às Escrituras, Deus diz: "Eu lhe escrevi as grandes coisas da Minha lei." "Clama a Mim, e Eu te responderei, e te mostrarei coisas grandes e poderosas que não conheces." Oséias 8:12; Jeremias 33:3.

Com a palavra de Deus nas mãos, todo ser humano, qualquer que seja a sua sorte na vida, pode ter a companhia que escolher. Em suas páginas, pode dialogar com o que há de mais nobre e melhor da raça humana e ouvir a voz do Eterno, quando Ele fala com os homens. Ao estudar e meditar nos temas nos quais "os anjos anelam perscrutar" (1 Pedro 1:12), poderá ter-lhes a companhia. Pode seguir as pegadas do Mestre celestial e ouvir-Lhe as palavras, como quando Ele ensinava no monte, na planície e no mar. Pode habitar neste mundo na atmosfera do céu, comunicando aos tristes e tentados da terra pensamentos de esperança e anseios de santidade; aproximando-se ele mesmo, cada vez mais, da comunhão com o Invisível; como aquele, de outrora, que andou com Deus, aproximando-se, mais e mais, do limiar do mundo eterno, até que se abram os portais e ali entre. Não se sentirá um estranho. As vozes que o saudarão são as vozes dos santos que, invisíveis, foram na terra seus companheiros — vozes que aqui aprendeu a distinguir e a amar. Aquele que, pela palavra de Deus, viveu em comunhão com o céu, sentir-se-á em casa na convivência celeste.